



TÍTULO DA PEÇA - "Meu pé de laranja lima"

ADAPTAÇÃO - Luis Felipe Sfreddo Duarte

DIREÇÃO - Luis Felipe Sfreddo Duarte

Adaptada do livro " Meu pé de laranja lima " de José Mauro de Vasconcelos.

NÚMERO DE ATOS: 2

MÚSICAS:

- "Vento negro" (Fogaça-Almondégas)
- "Rosa de Hiroshima" (Gerson Conrad-Vinicius de Moraes)
- " Go " (Quico Castro Neves-Almondégas)
- "Nuvem passageira" (Hermes Aquino)
- "Vamos dar as mãos" (Silvio César)
- "Desiderata"

PERSONAGENS:

Zezé'	Professora
Manuel Valadares (Portugues)	Sérginho ✓
Glória	Sr. Coquinho ✓
Totoca	Pai ✓
Jandira	Mãe
Lalá	Homem ✓
Luis ✓	Mulher
Tio Edmundo ✓	Pessoa
Voz (Pé de laranja lima)	

DURAÇÃO DA PEÇA: 90 minutos

(Cortinas fechadas. No palco reúne-se uma pedra, um pássaro, uma planta e um homem e uma criança.)

Narrador: A pedra.

Voz-1-: Não sei o que tenho... mas tenho, dentro de mim alguma coisa de estranho, alguma coisa que me fala, alguma coisa que quer falar, que quer sair, que quer subir. Não sei o que tenho, mas tenho, dentro de mim alguma coisa que é maior que eu mesma, pedra do caminho.

Narrador: A planta.

Voz-2-: Não sei o que ouço... mas ouço, dentro de mim uma voz que me chama. Será a voz do sol, da luz, do dia? Não sei o que ouço, mas ouço dentro de mim uma voz que me chama, a mim, planta do caminho.

Narrador: O pássaro.

Voz-3-: Não sei o que sinto... mas sinto, que a terra me foge, ou que fujo da terra; que a terra é azul, mas prefiro o azul do céu. Não sei o que sinto, mas sinto, que preciso subir, voar, que preciso do espaço infinito. O que sinto são as asas que pedem mais azul, mais espaço, mais estrelas. Não sei o que sinto, mas sinto, que a terra não basta para mim, pássaro do caminho.

Narrador: O homem.

Homem: Não sei o que penso, o que quero, o que posso... mas penso mais que o meu pensamento, quero mais que o meu querer, posso mais que o meu poder. Não sei como penso, como quero, como posso... mas sei que alguma coisa em mim pensa mais do que eu penso, quer mais do que eu quero, pode mais do que eu posso. Que será que pensa mais do que eu penso em mim, quer mais do que eu quero em mim, pode mais do que eu posso em mim? Em mim, pobre de mim, homem do caminho.

Narrador: A criança.

Criança: Pedra do caminho, voce não sabe o que tem? Planta do caminho, voce não sabe o que ouve? Pássaro do caminho, voce não sabe o que sente? Homem do caminho, voce não sabe o que pensa, nem o que quer, nem o que pode? Pois eu sei. Eu não pergunto o que tenho, o que ouço, o que sinto; eu não pergunto o que penso, o que quero, o que posso. Eu brinco e tudo tenho, tudo ouço, tudo sinto; eu brinco e tudo penso, tudo quero, tudo posso. Eu brinco e Ele me fala, como há de falar a voces.

Narrador: Ele.

Voz: Pedra do caminho, o que tens em ti sem tu saberes, sou Eu; planta do caminho, o que ouves em ti sem tu ouvires, sou Eu; pássaro do caminho, o que sentes em ti sem tu sentires, sou Eu; Homem do caminho, o que pensa em ti mais que tu mesmo, e quer, e pode mais em ti, sou Eu. O que a pedra não sabe o que tem, o que a planta não sabe o que ouve, o que o pássaro não sabe o que sente; o que o próprio homem não sabe o que pensa, nem o que quer, nem o que pode, há na terra que o tenha, quem o ouça, quem o sinte, quem o saiba - são os puros de coração, os pequeninos. Sede como eles, pedras, plantas, pássaros, homens, e Eu estarei convosco para sempre.

(Abrem-se as cortinas.)





1º ATO -

(Barulho de carros, movimento de pessoas.)

Narrador: Esse é tempo de partido, tempo de homens partidos. Em vão per-
corremos volumes, viajamos e nos colorimos. A hora presente, a galha
se em pó na rua. As leis não bastam - os lírios não nascem da lei. Meu
nome é tumulto e escreve-se na pedra.

Voz: Esse é tempo de divisas, tempo de gente cortada, de mãos viajando
sem braços, obscenos gestos avulsos. Símbolos obscuros se multiplicam:
guerra, verdade, flores? Dos laboratórios platônicos imobilizados vem
um sopro que cresta as faces e dissipa na praia as palavras.

Narrador: E continuamos: é tempo de muletas, tempo de mortos faladores
e velhas paralíticas nostálgicas de bailado. Mas ainda é tempo de viver
e cantar.

Voz: É tempo de meio silencio, de boca gelada e murmúrio, palavra indi-
reta, aviso na esquina. Tempo de cinco sentidos num só. Mas ainda é tem-
po de viver.

(O barulho torna-se ensurdecedor. Um homem grita do meio da multidão.)

Homem: Parem... quero parar, quero gritar, quero chorar. Parem... que-
ro viver.

Pessoa: É preciso casar José, é preciso suportar Antonio, é preciso o-
diar João, é preciso substituir nós todos. É preciso salvar o país, é
preciso crer em Deus, é preciso parar, gritar, chorar; é preciso viver.
É preciso colher as flores de quem rezam os velhos autores. É preciso
viver com os homens, é preciso não assassiná-los, é preciso ter mãos
pálidas e anunciar o fim do mundo.

(Uma mulher observa de uma janela.)

Mulher: Repara, ermas de melodia e concerto. Elas se refugiaram na noi-
te, as palavras, ainda úmidas e impregnadas de sono, rolam num rio difi-
cíl e se transformam em desespero.

Narrador: Silencioso cubo de treva. Nenhum pensamento de infancia, nem
saudade, nem vão propósito. Sómente a contemplação de um mundo enorme
e parado. E não sabe se é noite, mar ou distância.

Mulher: Mundo, grande mundo; meus olhos são pequenos para ver a massa
de silencio concentrada por sobre a onda severa. Meus olhos são peque-
nos para ver uma casa sem luz e sem janela, sem meninos em roda, sem
cadeira, catre, assoalho; ver as mãos que se hão de erguer, os gritos
roucos e os risos desatados - mas veêm, pasmam, baixam deslunbrados.

(Luzes acesas. Zezé caminha com Totoca.)

Zezé: Totoca, idade da razão pesa?

Totoca: Que besteira é essa?

Zezé: Tio Edmundo quem falou. Disse que eu era precoce e que ia entrar
logo na idade da razão. E eu não sinto diferença.

Totoca: Tio Edmundo é um bobo. Vive metendo coisas na sua cabeça.

Zezé: Ele não é bobo. Ele é sábio, e quando eu crescer quero ser sábio
e poeta, e usar gravata de laço. Um dia vou tirar retrato de gravata
de laço.

Totoca: Por que gravata de laço?

Zezé: Por que ninguém é poeta sem gravata de laço. Quando Tio Edmundo
me mostra retrato de poeta na revista, todos têm gravata de laço.

Totoca: Zezé, deixe de acreditar em tudo que ele fala prá voce. Tio
Edmundo é meio trongola, meio mentiroso.

Zezé: Totoca, criança é aposentado?

Totoca: O quê?

Zezé: Tio Edmundo não faz nada, ganha dinheiro, não trabalha e a prefei-
tura paga ele todo mês.

Totoca: E daí?

Zezé: Criança não faz nada, dorme, come e ganha dinheiro dos pais.



Totoca: Aposentado é diferente, Zezé. Aposentado é quem já casou muito, ficou de cabelo branco e caminha devagarzinho como todo mundo. Mas vamos deixar de pensar em coisas difíceis. Que voce goste de andar com ele, vá lá. Mas comigo não. Fique igual aos outros meninos. Não diga até palavrão, mas deixe de encher essa cabecinha com coisas difíceis senão, não saio mais com voce. (Apagam-se as luzes.)

Voz: Quando nasci, um anjo torto, desses que vivem nas sombras disse: - vai, vai ser gauche na vida. As casas espiam os homens. A tarde talvez fosse azul não houvesse tantos desejos. Mundo, vasto mundo, se eu me chamasse Raimundo seria uma rima, não uma solução. Mundo, vasto mundo, mais vasto é meu coração.

(Zezé entra com seu irmão menor - Luís.)

Zezé: Primeiro vamos comprar os bilhetes de entrada. Dê-me a mão que criança pode perder-se nesta multidão. Viu como está cheio aos domingos? Até que idade criança não paga? Cinco? Então uma de adulto por favor. Primeiro meu filho, voce vai ver que beleza são as aves. Olhe papagaios periquitos e araras de todas as cores.

Luís: E agora, Zezé, o que nós vamos visitar?

Zezé: Vamos passar na jaula dos macacos. Tio Edmundo diz sempre os sí-mios. Não chegue perto que eles atiram cascas de banana em voce, pequerrucho.

Luís: Eu queria chegar logo nos leões.

Zezé: Já vamos lá. Veja só: essa pantera negra é o terror do jardim. Ela veio para cá porque arrancou dezoito braços de domadores e comeu.

Luís: Ela veio do circo? Voce nunca me contou antes.

Zezé: Ah, veio do circo Rozemberg.

Luís: Mas lá não é padaria?

Zezé: É outro. É melhor sentarmos um pouco. Andamos muito.

Glória: A gente devia aprender com ele, Lalá. Veja só a paciencia que ele tem com o irmãozinho.

Lalá: É mas o outro não faz o que ele faz.

Glória: Tá certo que ele tem o diabo no sangue, mas mesmo assim é engaçado, ninguém fica com raiva dele na rua, por mais que ele faça...

Lalá: Aqui ele não passa sem tomar umas chineladas. Um dia ele aprenda (Apagam-se as luzes.)

Voz: Tu vens de longe, a pedra suavizou seu tempo, para entalhar-te o rosto ensimesmado e lento. Teu rosto, como um templo, voltado para o oriente, remoto como o nunca, eterno como o sempre, e que súbitamente se aclara e movimenta como se a chuva e o vento cedessen seu momento à para claridade do sol do amor intenso.

Mamãe: Hoje, todo mundo para ver a casa.

Zezé: Quando é que a gente tem que mudar, mamãe?

Mamãe: Dois dias depois do Natal. (Acende-se as luzes.)

Mamãe: É aqui. (Todos observam a nova casa.)

Glória: A mangueira é minha.

Totoca: O pé de tamarindo é meu.

Zezé: E eu Godóia?

Glória: Espere que vamos achar uma árvore para voce. Veja ali que lindo pézinho de laranja lima. Veja que não tem nenhum espinho. Se eu fosse do seu tamanho não queria outra coisa.

Zezé: Mas eu queria um pé de árvore grandão.

Glória: Pense bem, Zezé. Ele é novinho ainda. Assim ele vai crescer junto com voce. Voces dois vão se entender como fossem dois irmãos. Voce viu o galho? Mais parece um cavalinho feito para voce montar. Voce vai acabar descobrindo que eu tinha razão. (Ela sai.)

Voz: Eu acho que sua irmã tem toda a razão.

Zezé: Sempre todo mundo tem toda a razão, eu é que não tenho nunca.



Voz: Não é verdade, se voce me olhasse bem acabaria descobri-la.

Zezé (assustado): Mas voce fala mesmo?

Voz: Não está me ouvindo?

Zezé: Por onde voce fala?

Voz: Árvore fala por todo o canto. Felas folhas, pelos galhos, pelas rai-
zes.

Zezé: Me diga uma coisa. Todo mundo sabe que voce fala?

Voz: Não, só voce. Uma fada me disse que quando um menino igualzinho a
voce ficasse meu amigo, eu ia falar e ser muito feliz;

Zezé: E voce vai me esperar até eu me mudar? Será que voce não vai se
esquecer de falar nesse tempo?

Voz: Nunca mais. Isto é, para voce só.

Zezé: Olhe, vou fazer uma coisa. Sempre quando eu puder, antes de me
mudar, eu venho dar uma palavrinha com voce... Agora preciso ir.

Voz: Mas amigo não se despede assim.

Zezé: Psiu, lá vem ela. Adeus amigo, voce é a coisa mais linda do mundo.

Glória: Não falei a voce?

Zezé: Falou sim. Agora, se voces me dessem a mangueira e o pé de tama-
rindo em troca de minha árvore, eu não queria.

Glória: Cabecinha, cabecinha...

Zezé: Godóia, voce não acha sua mangueira meio burrona?

Glória: Ainda não deu para saber, mas parece um pouco.

Zezé: E o pé de tamarindo de Totoca?

Glória: É meio sem jeitão, por que?

Zezé: Não sei se posso contar, mas um dia eu conto um milagre para vo-
ce, Godóia. (Apaga-se as luzes.)

Música: "Nuvem passageira"

Zezé: Totoca, voce tem ido na casa nova?

Totoca: Não, voce tem ido?

Zezé: Sempre que posso dou um pulo lá para saber se Minguinho está bem.

Totoca: Que diabo é Minguinho?

Zezé: É o meu pé de laranja lima.

Totoca: Voce arranjou um nome que se parece muito com ele. Voce é dana-
do para achar as coisas.

(Luzes acesas. Movimento de pessoas na frente do pé de laranja lima.)

Homem: Parem. Uma flor nasceu na rua. Passem de longe bondes, onibus,
rios de aço e trafego. Uma flor ainda desbotada rompe o asfalto. Façam
completo silêncio, garanto que uma flor nasceu. Sua cor não se percebe
suas pétalas não se abrem, seu nome não está nos livros. É feia, mas é
realmente uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo, o ódio.

(Luzes apagadas.)

Zezé: Será que a gente não vai ganhar nada de Papai Noel?

Totoca: Acho que não.

Zezé: Diga sério, voce acha que eu sou tão ruim como todo mundo diz?

Totoca: Malvado, malvado não. O que acontece é que voce tem o diabo no
sangue.

Zezé: Quando chega o natal eu queria tanto não ter. Eu gostaria tanto
que antes de morrer nascesse o menino Jesus em vez do menino Diabo pa-
ra mim.

Totoca: Não espere nada. Assim a gente não fica desapontado; mesmo o
menino Jesus não é essa coisa tão boa como todo mundo fala, que o pa-
dre conta, nem que o catecismo diz...

(Acende-se as luzes. Todos estão rezando antes da ceia na mesa pobre-
mente decorada. Música: Noite feliz.)

Zezé: E como é então?

Totoca: Bem vamos dizer que voce foi muito levado, mas e Luís?

Zezé: É um anjo.

Totoca: E Glória?

Zezé: Também.

Totoca: E eu?

Zezé: Bem, voce ás vezes voce é meio pegador de minhas coisas, mas é muito bonzinho.

Totoca: E Jandira?

Zezé: Jandira é daquele jeito mas não é ruim.

Totoca: E Lalá?

Zezé: Bate com muita força mas é boa. Um dia vai costurar minha gravata de laço.

Totoca: E Mamãe?

Zezé: Mamãe é muito boa, só me bate com pena e devagar.

Totoca: E Papai?

Zezé: Ah. Esse eu não sei. Ele nunca tem sorte. Eu acho que ele deve ter sido como eu, o ruim da família.

Totoca: Pois então. Todo mundo é bom na família. E porque o menino Jesus não é bom para a gente? Vai na casa dos Villas-Boas e veja o tamanho da mesa cheia de coisas. Na casa do Dr. Adauto Luz nem se fala...

Zezé: Por isso eu acho que o menino Jesis só quis nascer pobre para se mostrar. Depois ele viu que só os ricos prestavam...

(Na mesa todos fazem o sinal da cruz e põem-se a comer. Não há uma palavra, um sorriso, apenas o barulho dos pratos quase vazios.)

Narrador: A tradição recomenda e até determina que a gente deva desejar a todos um Feliz Natal. Mas os antecedentes a data levam a meditações. E há perguntas que pairam encucando cucas nem sempre maravilhosas. O natal é uma festa de sentimentos ou um dia de presentes? O natal, se festa de sentimentos, seria de todos em festa.; se dia de presentes e interesses, noite de muito poucos. Mas nem todos na humanidade vão ter noite de natal. E não serão em todos os pinheiros do mundo que houvera presentes, champagne, sorrisos, perus e nozes para quebrar. Há a ameaça de guerra, e ela é incompatível com nossos sentimentos; há a ausência do pão, e ele é fundamental para a festa; há a presença do horror, e com ele o velho Noel não chega. (Todos se levantam da mesa e saem deixando Zezé e Totoca sózinhos.) Há pessoas que não se olham, existem mãos que não se tocam, lábios que não se beijam. As mãos estão se transformando em arma de bater, e os lábios instrumentos de palavras duras. Há crianças que choram, há homens que sofrem e mulheres que já não vestem. Há cães que ladram demais e caravanas que já não passam. Há em todo mundo redondo um ódio que eu não amo.

Zezé: Tava boa a rabanada, não tava Totoca?

Totoca: Nem sei, não provei. Fiquei com uma coisa entalada no gogó que não passava nada.

Zezé: Quem sabe se não acontece um milagre? Como é ruim a gente ter pai pobre. (Apaga-se as luzes.)

Voz: Um dia desses quando menos esperarem, eu irei pela cidade manejando um violão. Se perguntarem o que faço nessa vida, eu direi que canto e danço para alegrar o meu irmão. Sou cidadão que não tem pátria nem fronteira poi durante a vida inteira eu quis ver gente mais feliz.

(Zezé está na rua com uma caixa de engraxate. Um homem se aproxima.)

Sr. Coquinho: Eh, seu engraxate, quem dorme não ganha dinheiro.

Zezé: O senhor pode levantar um pouco a calça, por favor?

Sr. Coquinho: É o natal como foi?

Zezé: Foi regular.

Sr. Coquinho: Quanto Zezé?

Zezé: Duzentos réis.

Sr. Coquinho: Porque só duzentos réis? Todos cobram quatrocentos.

Zezé: Só quando eu for um bom engraxate é que posso cobrar tanto.



Sr. Coquinho: Tome, fique com o troco para o Natal. Até logo

Zezé: Boas festas, seu Coquinho.

(Um menino bem vestido entra andando em uma bicicleta nova.

Sérginho: Gostou?

Zezé: É a bicicleta mais linda do mundo. Voce ganhou de natal?

Sérginho: Ganhei. Ganhei uma vitrola, tres ternos, um monte de livros, jogos e brinquedos. (Zezé baixa a cabeça, triste.) Que foi Zezé?

Zezé: Nada.

Sérginho: E voce ganhou alguma coisa?

Zezé: Não, esse ano não houve natal lá em casa. Papai ainda está desempregado.

Sérginho: Não é possível. Voces nem tiveram castanhas, avelãs, vinho?

Zezé: Só rabanada que mamãe fez e café.

Sérginho: E se eu pedir a mamãe para fazer um pacote de castanhas e coisas para voce, voce leva?

Zezé: Não posso, tenho que acabar de trabalhar.

Sérginho: Mas ninguém engraxa no natal.

Zezé: Mas eu preciso mesmo.

Sérginho: Quer engraxar o meu? Eu lhe dou dez tostões.

Zezé: Também não posso. Eu não cobro dos amigos.

Sérginho: E se eu lhe emprestar duzentos réis?

Zezé: Posso demorar a pagar?

Sérginho: Como voce quiser. Pode até me pagar em bolinha de gude.

Zezé: Assim sim.

Sérginho: Não se incomode que eu ganhei muito dinheiro.

Zezé: Ela é linda mesmo.

Sérginho: Quando voce crescer e souber andar eu deixo dar uma volta, tá?

Zezé: Tá. (Sai correndo.)

(Zezé chega em casa. Seu pai está sentado a mesa.)

Zezé: Papai...

Pai: O que é meu filho?

Zezé: Veja, comprei uma coisa linda para o senhor. (Tira do bolso uma carteira de cigarro.) O senhor gosta? Era a mais bonita. (O pai aixe a carteira e cheira o fumo.) Fume um papai. (Ele acende um e dá uma longa tragada.) Papai...papai... (Zezé chora.)

Pai: Não chore meu filho. Voce vai ter muito que chorar pela vida. Vamos acabar o meu cigarro.

Zezé: Sabe, papai, quando o senhor quiser me bater, nunca mais eu vou reclamar. Pode bater mesmo.

Pai: Está bem, está bem, Zezé... (Apaga-se as luzes.)

Voz: O amor não tem importancia no tempo de voce criança. Uma simples gota de óleo povoara o mundo por inoculação, e o espasmo não mais dissolverá as nossas carnes. Mas também a carne não tem importancia, e doer, gozar o próprio cântico afinal é indiferente. Tudo acontece, criança, e não é importante, criança, e nada fica em teus olhos, fica? Também a vida é sem importancia. Os homens não me repetem nem me prolongo até eles. A vida é tenue, tenue. O grito mais alto ainda é um suspiro. Os oceanos calaram-se há muito. Em tua boca, criança, ficava o gosto do leite? Ficarà o gosto do álcool? Os beijos não são importantes; não há beijos, os lábios são metálicos. Civil, e mais nada, será o amor dos individuos perdidos na massa. E só uma estrela guardará o reflexo do mundo esvaído.

Narrador: Quando, onde, como? Não se sabe quando, não se sabe onde, não se sabe como, o amor, livre pensamento, surgirá como puro sentimento.

Zezé: Minguinho, agora a gente vai viver sempre perto um do outro. Vou enfeitar voce que nenhuma árvore chegará a seus pés. Olhe, tudo que eu souber venho contar a voce, tá?



(Luzes acesas. Na rua passa uma mulher grávida. Zezé escondido.)
Mulher: Socorro, socorro... Uma cobra minha gente. Me ajuda Deus, que eu vou perder meu filho de seis meses. (Chega gente para ajudar. Zezé foge.) Não me aguento, não me aguento, e logo eu tenho pavor.

Mamãe: Tome um pouco de água de flor de laranjeira. Fique calma porque os homens foram atrás da cobra com pedaços de pau. (Os homens voltam)

Papai: Mas não é cobra minha gente. É uma meia velha de mulher.

Jandira: Eu acho que já sei quem foi...

(Todos saem do palco. Luzes apagadas. Barulho de palmadas e gritos.)

Mamãe: Pestezinha. Voce não sabe como é duro carregá um filho de seis meses na barriga.

Lalá: Estava demorando muito para ele aprontar uma das suas.

Jandira: Agora para a cama seu danado...

Narrador: No início dos séculos ele chegava como a luz que invadia as trevas das incertezas e sofrimentos, renovando as esperanças no porvir tudo em vão; suas lutas, seus brados de amor se perderam esquecidos sem penetrar na mente conturbada daquela época. Mas veio o tempo, sábio, paciente, educativo, trazendo de volta aqueles ensinamentos com suas lógicas, suas verdades, suas promessas. E o homem voltou a crer. Agora, porém, quando a lua deixou de ser fantasia e o universo se resume num simples aparelho de televisão, o homem parece outra vez esquecido, perdido em seus sonhos e vontades, cansado de alcançar e realizar.

Voz: Que essa centelha de lucidez e paz - o amor - ganhe as dimensões da eternidade e se projete ao futuro de cada homem, independente do berço onde nasceu. (Acende-se as luzes. Zezé fala com seu tio.)

Zezé: Olhe titio, quando eu era pequenininho eu achava que tinha um passarinho aqui dentro que cantava. Era ele que cantava.

Tio: Pois então, é uma maravilha que voce tenha um passarinho assim.

Zezé: O senhor não entendeu. É que agora eu ando meio desconfiado com o passarinho. E quando eu falo e vejo por dentro?

Tio: Vou explicar para voce, Zezé. Sabe o que é isso? Isso significa que voce está crescendo, e crescendo, essa coisa que voce diz que fala e vê, chama-se o pensamento. O pensamento é que faz aquilo que uma vez eu disse que voce teria logo...

Zezé: A idade da razão?

Tio: Bom que voce se lembre. Então acontece uma maravilha. O pensamento cresce e toma conta de toda a nossa cabeça e nosso coração. Vive em nossos olhos e em tudo que é pedaço da vida da gente.

Zezé: Sei, e o passarinho?

Tio: O passarinho foi feito por Deus para ajudar as criancinhas a descobrirem as coisas. Depois então quando o menino não precisa mais, ele devolve o passarinho a Deus. E Deus coloca ele em outro menininho inteligente como voce. Não é bonito?

Zezé: Nunca mais prendo um passarinho. (Apaga-se as luzes.)

Voz: Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo, mas estou cheio de escravos, minhas lembranças escorrem e o corpo transige na confluencia do amor. (Zezé vai falar com seu pé de laranja lima. Luzes acesas.)

Zezé: Minguinho, vim fazer uma coisa. Vamos esperar um pouco.

Voz: Que nós vamos esperar Zezé?

Zezé: Que passe uma nuvem bem bonita no céu. Vou soltar o meu passarinho. Não preciso mais dele... É aquela Minguinho. (Levanta-se e abre a camisa.) Voa meu passarinho. Bem alto. Vá subindo e pouse no dedo de Deus. Deus vai levar voce para outro menininho e voce vai cantar bonito como sempre cantou para mim. Adeus meu passarinho lindo...

Voz: Olhe Zezé, ele pousou no dedo da nuvem.

Zezé: Eu vi. Eu nunca fui malvado com ele. Fica feio se eu chorar?



Voz: Nunca é feio chorar. Por que?

Zezé: Não sei, ainda não me acostumei. Parece que aqui dentro da gaiola ficou vazia demais...

Música: "Vento negro".

(Zezé e sua irmã estão na escola.)

Zezé: menina, onde voce vai com essa flor?

Menina: Levo para a minha professora. Ela gosta e toda aluna aplicada leva uma flor para a professora.

Zezé: Menino também pode levar?

Menina: Gostando da professora pode.

Glória: Zezé... Zezé...

Professora: Ele não é muito pequenô?

Glória: É franzino mas já sabe ler.

Professora: Muito bem. Vamos fazer a ficha que assim voce já pode assistir a aula amanhã. (Apaga-se as luzes.)

Zezé: Vou ter que aprender uma porção de hino, porque a professora disse que para ser bom brasileiro e patriota a gente tinha que saber o hino de nossa terra. Quando eu aprender eu canto para voce, Minguinha

(Luzes acesas. Zezé entra na escola e deixa uma flor no copo de sua professora. Ele senta no seu lugar. Um menino fala para a professora.)

Zezé: Tocam um sino grande, não tão grande como o da igreja. Todo mundo entra no pátio grande e procura sua sala. Bem, aí a gente faz fila e vai tudo que nem carneirinho para dentro da aula. (Ouve-se um sino. Todos saem da aula.)

Professora: Quero falar uma coisa com voce Zezé. Espere um pouco. Godofredo me contou uma coisa muito feia de voce. É verdade?

Zezé: Da flor? É sim senhora. Levanto mais cedo e passo no jardim da casa dele. Quando o portão só está encostado eu entro depressa e roubo uma flor. Mas lá tem tanta flor que nem faz falta.

Professora: Sim, mas não é direito. Voce não deve fazer mais isto. Isso não é roubo mas já é um furtinho.

Zezé: Não é não, dona Cecília. Tudo que tem no mundo não é de Deus? Então as flores são de Deus também... Só assim que eu podia, professora. Lá em casa não tem jardim, flor custa dinheiro... e eu não queria que a mesa da senhora ficasse sempre de copo vazio. De vez em quando a senhora não me dá dinheiro para comprar um sonho recheado, não dá?...

Professora: Poderia dar todos os dias, mas voce some...

Zezé: Eu não podia aceitar todos os dias. Tem outros meninos pobres que também não trazem merenda. A senhora não ve a Corujinha?

Professora: A Dorotília?

Zezé: É sim senhora. A Dorotília é mais pobre do que eu, e as outras meninas não gostam de brincar com ela porque é pretinha e pobre demais. Então ela fica sempre no canto. Eu divido o sonho que a senhora me dá com ela. A senhora de vez em quando, em vez de dar para mim, podia dar para ela. A mãe dela lava roupa e tem onze filhos. Minha irmã todo sábado dá um pouco de feijão e arroz para ajudá-los. E eu divido o meu sonho porque a mamãe me ensinou que a gente deve dividir a pobreza da gente com quem ainda é mais pobre. (A professora chora.) Eu não queria fazer a senhora chorar. Eu prometo que não roubo mais flores e vou ser cada vez mais um aluno aplicado.

Professora: Não é isso, Zezé. Voce vai me prometer uma coisa, porque voce tem um coração maravilhoso.

Zezé: Eu prometo, mas não quero enganar a senhora. A senhora diz isso porque a senhora não me conhece em casa.

Professora: Não tem importancia. Para mim voce tem. De agora em diante não quero que voce traga mais flores. Só se voce ganhar. Promete?

Zezé: Prometo, sim senhora. E o copo? Vai ficar vazio?



Professora: Nunca esse copo vai ficar vazio. Quando eu olhasse para o mundo, eu vou sempre encher a flor mais linda do mundo. E vou pensar que me deu essa flor foi o meu melhor aluno. Está bem? Agora vou fazer uma colagem de couro... (Zezé sai. A professora olha a rosa.)

Narrador: Coloque um sopro humano em uma flor artificial. Espere um dia ou um ano e veja se ela cresce normal. Só isso.

Música: "Rosa de Hiroshima"

(Ilumina-se a mulher, o homem e a pessoa na rua.)

Homem: De que valeram os anos de espera, em que fiquei pelas veredas poeirentas, como que acuado por uma fera? De que valeu minha tristeza sonolenta, meus desejos sufocados para ter consciencia limpa e limpa ter a mente? De que valeram minhas terríveis fugas para não encontrar os pecados que afluem? De que valeram se me chegam as rugas e não sinto os prazeres que ora diminuem? De que valeu não entrar na onda, não viver a noite, a aventura, a bebida? De que valeu ficar com o sorriso da Gioconda e não gargalhar diante da moral da vida?

Pessoa: De que valeu? É essa a pergunta que me faz? Em verdade vos digo. Não é o que se come e goza que nos satisfaz. É sim a renúncia do ontem, hoje e amanhã. Enquanto a comida a matéria sustenta e a faz peregrinar pelo mundo que se vai, a renúncia o espírito alimenta e o faz humilde a caminho do pai. De que valeram a espera, os anos, as rugas, os desejos sufocados, a pureza da Gioconda, o sofrer do coração? Em verdade vos digo: transformastes a vida em grande oração.

(Fecha-se as cortina.)

FIM DO 1º ATO.



IIº ATO -

(Mesma cena de início; a mulher na janela, o homem no asfalto, a pessoa ajudando.)

Pessoa: Meu amigo, vamos sofrer, vamos beber, vamos ler o jornal, vamos dizer que a vida é ruim, meu amigo, vamos sofrer. Vamos fazer um poema ou qualquer outra besteira, fixar por exemplo uma estrela por muito tempo, muito tempo e dar um suspiro fundo. Meu amigo, vamos xingar o corpo e tudo que é dele e que nunca será alma. Meu amigo, vamos cantar e chorar de mansinho, depois embriagados, vamos beber mais. Depois vomitar, e cair, e dormir...

Mulher: É sempre no passado aquele orgasmo, é sempre no presente aquele duplo, é sempre no futuro aquele pânico. É sempre no meu peito aquela garra, é sempre no meu tédio aquele aceno, é sempre no meu sono aquela guerra. É sempre no meu trato o amplo distrato, sempre no mesmo engano outro retrato. É sempre nos meus pulos o limite, sempre no meu não aquele trauma. Sempre no meu amor a noite rompe, sempre dentro de mim meu inimigo, e sempre no meu sempre a mesma ausência.

Homem: A noite desceu. Que noite. Já não enxergo meus irmãos, e nem tampouco os rumores que outrora me perturbavam. A noite caiu, tremenda, sem esperança... Os suspiros acusam a presença negra que paralisa os guerreiros. E o amor não abre caminho na noite. A noite é mortal, com plata, sem reticências. A noite dissolve os homens, diz que é inútil sofrer. A noite dissolve as palavras.

Pessoa: Aurora, entretanto eu te diviso, ainda tímida, inexperiente das luzes que vai acender e dos bens que repartirás com todos os homens. Sob o úmido véu de raivas, queixas e humilhações, adivinho-te que sobes, expulsando a treva noturna. Minha fadiga encontrará em ti o seu termo, minha carne estremece na certeza de tua vinda. Havemos de amanhecer. O mundo se tinge com as tintas de antemanhã, e o sangue que escorre é doce, de tão necessário, para cobrir tuas pálidas faces, Aurora. (Zezé fala com o pé de laranja lima.)

Zezé: Sabe, Minguinho, hoje eu apanhei um morcego, morcego de andar: a gente pega os carros que passam devagar perto da escola e gruda no pneu de trás, o estepe. E vai viajando que é uma beleza. É quase tão bom como andar de cavalo em voce. Mas tem um que ninguém teve coragem de pegar - aquele carrão do português, Manuel Valadares.

Voz: Mas voce está doido para apanhar morcego no carro dele, não?

Zezé: Deixa eu treinar mais que eu me arrisco. Sabe de uma coisa? Eu saio de casa às sete horas não é? Quando chego na esquina são sete e cinco. Pois bem, às sete e dez o Português para o carro para comprar cigarro. Qualquer dia desses eu crio coragem e zás... (Ele vai indo embora.)

Voz: Voce não tem coragem.

Zezé: Não tenho Minguinho? Voce vai ver.

(Luzes apagadas. Ouve-se o barulho de um motor seguido de um grito.)

Zezé: Aii...

Portugues: Então moleque atrevido. Eras tu? Um pirralho desses...

(Acende-se as luzes. Zezé aparece carregado pela orelha pelo português)

Portugues: Pensas moleque que não te observei espiando o meu carro?

Vou te dar uma boa lição e não terás mais coragem de repetir o que fizeste. Então, porque tu não xingas moleque?

Zezé: Não falo agora mas estou pensando. E quando eu crescer vou matar o senhor.

Portugues(rindo): Pois cresce molecote. Eu cá te espero. Mas antes disso vou dar-te uma lição. (Zezé foge correndo.) Com esse tamanho e que atrevimento.



Zezé: Pois é como eu lhe disse, Minguinho. É todo o santo dia que ele espera eu passar e lá vem buzinando. Buzina tres vezes até me deu adeus.

Voz: E voce?

Zezé: Eu nem ligo, finjo que eu não vejo. Tá começando a dar medo nele. Voce vê logo, logo eu estarei um homem.

Voz: Voce acha que ele está querendo ficar seu amigo por medo?

Zezé: Não tenho nem dúvida. Voce viu, Minguinho, as goiabeiras da casa da Nega Eugenia começam a amarelecer. As goiabas no minimo já estão de vez. O diabo é que se ela me pega... Hoje já levei três coças... (Zezé dirige-se ao muro. Ele tenta pular o muro, mas não conseguindo desce e se fere com um caco de vidro.)

Zezé: Ui. Espia só Minguinho.

Voz: Que fazer, meu Deus?

(Surge Glória. Zezé olha para ela assustado.)

Glória: Que é Zezé?

Zezé: Nada, Godóia... Porque ninguém gosta de mim?

Glória: Voce é muito arteiro.

Zezé: Hoje eu já levei tres surras.

Glória: E não mereceu?

Zezé: Não é isso. É que como ninguém gosta de mim, aproveitam para me bater por qualquer coisa. Eu acho que é melhor eu ser atropelado na Rio-São Paulo amanhã e ficar todo esmagadinho.

Glória: Não diga bobagens Zezé. Eu gosto muito de voce. Já está escurecendo. Vamos para dentro antes de voce fazer nova travessura.

Zezé: Mas eu já fiz. (Mostra o pé.)

Glória: Meu Deus, que foi isso? (Corre para casa e busca uma bacia com água.) Vai doer muito, Zezé.

Zezé: Já está doendo muito.

Glória: Tem quase tres dedos de corte.

Zezé: Voce não conta prá ninguém. Por favor, Godóia, não deixe ninguém me bater mais...

Glória: Tá bem, eu não conto. Como vamos fazer? Amanhã voce não vai poder ir à escola. Vão acabar descobrindo.

Zezé: Eu vou a escola sim. Calço os sapatos até a esquina, depois é mais fácil. (Apaga-se as luzes.)

Glória: Dá pra ir?

Zezé: Eu aguento sim.

Glória: Voce não vai fazer bobagem na Rio-São Paulo? Aquilo que voce falou era verdade?

Zezé: Era não. É que eu estava muito infeliz pensando que ninguém gostava mesmo de mim. Tchau. (Acende-se as luzes. Ouve-se buzinas.)

Portugues: Ó pirralho, machucaste o pé? (Zezé aparece caminhando. Ouve-se a porta de um carro ser batida. O portugues segue Zezé.)

Portugues: Pelo visto te machucaste muito não? O que foi?

Zezé: Caco de vidro.

Portugues: Por que não ficaste em casa? Pelo jeito vais a escola não?

Zezé: Ninguém sabe lá em casa que eu me machuquei. Se descobrissem ainda me batiam.

Portugues: Vem que eu te levo.

Zezé: Não senhor, obrigado.

Portugues: Mas tu não podes caminhar assim. Isso pode dar tétano. Vou levar-te a farmácia. Venha... (Luzes apagadas.)

Portugues: Pronto. Eu vou te levar perto da tua casa. Inventa qualquer coisa. Podes dizer que te machucaste no recreio e que a professora te mandou a farmácia... (Luzes acesas. Barulho de carro. Zezé aparece.)



Portugues: És um homenzinho corajoso, Pirralho.

(Barulho de carro se afastando. Luzes apagadas.)

Voz: Quando eu me encontro com meus desencontros, e vejo po nos meus contratempos, eu tenho vontade de chorar. Uma clareia e me lembro e relembro que eu saía por todos os cantos a procura de encantos que estavam tão perto de mim, tão perto do coração.

Zezé: Sabe, Minguinho, eu já descobri tudo. Ele mora no fim da rua Barão de Capanema. Bem no finzinho. Ele guarda o carrão do lado da casa. Fui lá bem cedinho, como quem não quer nada, levando minha caixa de engraxate. Eu ia com tanta vontade de ir, Minguinho, que nem senti minha caixa pesada dessa vez. Aí olhei bem para a casa e achei que era muito grande para uma pessoa viver sózinha. (Luzes acesas. Zezé entra na casa do portugues.)

Zezé: Quer engraxar?

Portugues: Ah, és tu, entra pirralho. E a tua aula?

Zezé: Hoje é feriado.

Portugues: Tanto fizeste que acabaste por descobrir onde eu moro. Mas podias ter vindo sem carregar esse peso todo.

Zezé: Se eu não carregasse esse peso todo, não deixavam eu sair. Saindo para longe tenho que fingir que vou trabalhar. Indo trabalhar o povo lá em casa sabe que não estou fazendo arte.

Portugues: Eu não acredito que sejas tão peralta assim como dizes.

Zezé: Sou muito ruim. Por isso é o diabo que nasce para mim no dia do natal e eu não ganho nada. Sou uma peste. Uma das minhas irmãs me disse que coisa ruim como eu não devia ter nascido... Só essa semana já levei um punhado de surras. Também apanho pelo que eu não faço. Levo culpa de tudo. Já se acostumaram a me bater.

Portugues: Mas o que tu fazes de tão mal assim?

Zezé: Deve ser o diabo mesmo. Vem uma vontade de fazer e eu faço. Essa semana eu toquei fogo na cerca da Nêga Eugenia, chamei D. Cordélia de pata choca e ela virou fera, chutei uma bola de pano e a burra entrou pela janela e quebrou o espelho de D. Narcisa, quebrei com a baileadeira tres lampadas, dei uma pedrada na cabeça do filho do seu Abel.

Portugues: Chega, chega.

Zezé: Mas ainda tem mais. Arranquei todas as mudas que a D. Tentena acabara de plantar, fiz o gato de D. Rosena engolir uma bola de gude, mas não era das grandes não, deram um purgante no bicho e ela saiu.

Em vez de me darem a bola de novo me deram uma surra danada. Pior foi quando eu estava dormindo e papai pegou o tamanco e me sapecou. Eu não sabia porque apanhava.

Portugues: E porque foi?

Zezé: A gente foi, uma meninada inteira ver um filme. Entramos na segunda porque é mais barato. Aí eu tive vontade, sabe?.. E fiquei bem no canto da parede e fiz. Foi aquela água correndo. É bobagem a gente sair e perder um pedaço da fita. Mas o senhor sabe o que é menino. Basta um fazer e todos os outros ficam com vontade. Foi todo mundo tocando para o cantinho e foi aquele rio. No fim descobriram, e já sabe: foi o filho do seu Paulo. Aí me proibiram por um ano, até eu criar juízo, de entrar no cinema Bangu. De noite o dono contou para o papai e ele não achou graça nenhuma... eu que diga. (Luzes apagadas.)

Zezé: Olhe, Minguinho, eu não gosto de discussões, mas se voce está a borrecido é melhor falar logo.

Voz: É que voce agora só brinca de portugues e eu não sei brincar disso.

Zezé: Daqui a dois dias a gente se encontra com o Buck Jones. Eu mandei um recado para ele pelo cacique Touro Sentado. Olhe, Minguinho, não precisa ficar desse jeito. Ele é meu maior amigo, mas voce é o rei absoluto das árvores, como o Luís é o rei absoluto de meus irmãos. Vo



ce precisa saber que o coração da gente tem que ser muito grande e
ber tudo que a gente gosta.
(Acende-se as luzes. Zezé continua na casa do Portugues.)
Portugues: Quer dizer então que agora somos completamente amigos?
Zezé: Somos sim.
Portugues: Então agora, penso cá comigo, não vais querer crescer logo
para me matares?
Zezé: Não, nunca faria isso.
Portugues: Mas disseste, não?
Zezé: Disse quando estava com raiva. Agora eu descobri que o senhor não
era nada do que se dizia. Não era antropófago nem nada.
Portugues: O que disseste?
Zezé: Antropófago, mesmo.
Portugues: E sabes lá o que é isso?
Zezé: Sei sim. Tio Edmundo me ensinou. Ele é um sábio. Tem um homem na
cidade que convidou ele para fazer um dicionário.
Portugues: Estás fugindo do assunto. Quero que me expliques o que é exa
tamente antropófago.
Zezé: Antropófagos eram índios que comiam carne humana. Na história do
Brasil tem uma figurinha deles descascando os portugueses para comer. É
o mesmo que canibal. Só que canibal é na África e gosta muito de comer
missionário barbado.
Portugues: Tens uma cabecinha d'oiro, pirralho.às vezes eu até me as -
susto.
Zezé: Eu preciso falar uma coisa muito séria.
Portugues: Então fala.
Zezé: A gente é amigo que não pode mais, não é?
Portugues: Não há dúvida.
Zezé: É que... tem duas coisas na nossa amizade que eu não gosto.
Portugues: Quais são?
Zezé: Primeiro, se nós somos dois grandes amigos, como é que eu tenho
de chamar senhor pra cá, senhor pra lá...
Portugues: Pois me trata como quiseres, por voce, por tu...
Zezé: Tu não, é muito difícil. Sou capaz de repetir todas as conversas
nossas para Minguinho, mas quando eu vou falar de tu... não aceito. Me
lhor voce. Não ficou zangado?
Portugues: Ora, porque? Quem é esse Minguinho que eu nunca ouvi falar?
Zezé: Minguinho é o meu pé de laranja lima. Ele é um danado. Ele fala co
migo, vira cavalo, sai com a gente, com o Buck Jones, com Tom Mix, você...
Portugues: Estou ficando tonto com esse mundo que existe na tua cabeci
nha. E a outra coisa?
Zezé: A outra coisa é mais difícil ainda, mas já que eu falei do voce
e voce não se zangou... Eu não gosto do seu nome, sabe, entre amigos fi
ca muito...
Portugues: Virgem Santíssima, o que virá agora?
Zezé: Valadares não soa bem. Manuel eu também não gosto. Voce nem pode
saber como eu fico furo quando papai conta anedotas de portugues e fa
la: ó Manuele... se ve logo que o filho da mãe nunca teve um amigo por
tugues...
Portugues: Que acabaste de falar?
Zezé: Que meu pai imita portugues?
Portugues: Não, antes, uma coisa feia.
Zezé: Filho da mãe é tão feio como o outro filho...?
Portugues: Quase a mesma coisa.
Zezé: Então vou ver se não falo mais.
Portugues: Que conclusão tiraste? Não me queres chamar de Valadares e
pelo jeito de Manuel também não.
Zezé: Tem um nome que eu acho lindo. Como seu Ladislau e os outros cha

mam voce na confeitaria...

Portugues: Sabes que é o maior atrevidaço que eu conheço? chamar de Portuga, não é assim?

Zezé: Fica mais de amigo.

Portugues: É tudo quanto desejas? Pois bem, eu te permito. Um nenininho muito complicado, mas confesso que estás enchendo de alegria o velho coração de um portugues. Lá isso estás. Agora chega, já começa a escurecer. Só gostaria de te ver chegando em casa e dizendo onde estive esse tempo todo.

Zezé: Já pensei nisso. Vou dizer que fui a aula de catecismo.

Portugues: Ninguém pode contigo. Tens saída para tudo.

Zezé (saindo): Portuga, eu nunca mais quero sair de perto de voce. Voce é a melhor pessoa do mundo. Ninguém judia de mim quando estou perto de voce e sinto um sol de felicidade dentro do meu coração.

(Luzes apagadas.)

Narrador: Há um momento para tudo, e um tempo para tudo fazer. Um tempo para nascer e um tempo para morrer. Um tempo para plantar e um tempo para colher. Um tempo para destruir e um tempo para construir. Um tempo para chorar e um tempo para rir. Um tempo para espalhar e um tempo para juntar. Um tempo para o amor e um tempo para a austeridade. Um tempo para trabalhar e um tempo para descansar. Um tempo para rasgar e um tempo para coser. Um tempo para calar e um tempo para falar. Um tempo para amar e um tempo para odiar. Um tempo para a guerra e um tempo para a paz.

(Acende-se as luzes. Zezé está com seu irmãozinho Luís fazendo uma pipa.)

Lalá: Zezé, Luís... (Luís sai correndo.)

Zezé: Já vou já.

Lalá: Zezé... venha logo, senão vai ter.

Zezé: Já vou... (Chega Lalá furiosa.)

Lalá: Pensa que sou sua empregada? Venha comer logo.

Zezé: Não janto, não janto. Eu quero é acabar o meu balão.

(Lalá rasga furiosamente o balão de Zezé.)

Lalá: Quando eu falo é para obedecer. (Carrega Zezé pela orelha para fora da cena.)

Zezé: Sabe o que voce é? É uma vagabunda.

Lalá: Repete se tem coragem.

Zezé: Vagabunda. Va-ga-bun-da.

(Ouve-se o barulho de um tapa seguido de outros.)

Zezé: Mata assassina. A cadeia está aí para me vingar. Vagabunda...

Totoca: Cala a boca Zezé. Voce não pode xingar assim sua irmã.

Zezé: Ela é uma vagabunda, assassina.

(Mais tapas. Zezé é atirado ao palco todo ensanguentado. Glória aparece.)

Glória: Um dia voces matam essa criança e eu quero ver. Voces são uns monstros sem coração.

Totoca: Voce não viu o que ele estava xingando?

Glória: Sai pra lá seu covarde. Ele não estava fazendo nada. Voces é que provocaram. Voces não tem é coração. Como se pode bater tanto num irmão? Dói Zezé?

Zezé: Dessa vez está doendo muito.

Glória: Eu faço bem de leve, meu diabinho querido.

Zezé: Voce viu, Godóia. Eu não estava fazendo nada. Quando eu mereço eu não me importo de apanhar. Mas eu não estava fazendo nada: O mais triste foi o meu balão. Estava ficando tão lindo. Pergunte só ao Luís.

Glória: Eu acredito, ia ser lindo mesmo. Eu vou ajudar voce a fazer o balão mais bonito do mundo. Tão bonito que até as estrelas vão ficar com inveja. (Luzes apagadas.)



Zezé: Um dia... um dia eu levo voce para longe dessa casa. ce para morar no rancho de Tom Mix.

Glória: Mas eu gosto ainda mais do Buck Jones.

Zezé: Pois nós vamos para lá.

Música: " Gô "

(Acende-se as luzes. Casa do Portugues. Zezé chega.)

Portugues: Meu coração estava me dizendo que tu virias hoje. Então fu-
ção? Onde estiveste este tempo todo?

Zezé: Estive muito doente.

Portugues: Ora o que é isso, pirralho? Conta cá para o teu amigo.

Zezé:Portuga, olhe bem para a minha cara. Cara não, focinho. Lá em ca-
sa dizem que eu tenho focinho porque não sou gente, sou bicho, filho
do diabo.

Portugues: Prefiro ainda olhar tua cara.

Zezé: Mas olhe mesmo. Olhe como ainda estou todo inchado de apanhar.

Portugues: Mas não podem bater tanto numa criancinha como tu.

Zezé: Eu sei porque. Eu não presto mesmo.

Portugues: Besteira, tu és um anjinho ainda. Podes ser um tanto tra-
quinas...

Zezé: Eu precisava muito falar com voce. Eu sei que é ruim papai sem
emprego, mamãe ter que sair de madrugada para trabalhar e ajudar lá em
casa, Lalá ter que parar de estudar para trabalhar... tudo isso é coi-
sa malvada. Mas também ela não precisava me bater tanto daquele jeito.

Portugues: Somos amigos, não somos? Vamos conversar de homem para homem?
Pois bem, eu acho que não devias falar aqueles palavrões para tua irmã
aliás, nunca devias falar palavrões, sabes?

Zezé: Mas eu sou pequena. Só assim é que eu me vingo. Voce não gosta
que eu diga palavrões?

Portugues: Simplesmente não.

Zezé: Pois bem, se eu não morrer, eu prometo a voce que eu não xingo
mais.

Portugues: Muito bem. E que negócio de morrer é esse?

Zezé: Depois eu conto. Mas primeiro tenho que matar ele...

Portugues: Que é isso menino? Matares teu pai?

Zezé: Vou sim. Eu já até que comecei. Matar não quer dizer a gente pe-
gar o revólver de Buck Jones e fazer bum. Não é isso. A gente mata no
coração. Vai deixando de querer bem, e, um dia a pessoa morreu..

Portugues: Que cabecinha imaginosa que tu tens. Mas tu também não dis-
seste que me matavas?

Zezé: Disse no começo. Depois matei voce ao contrário. Fiz voce morrer
nascendo no meu coração. Voce é a única pessog que eu gosto, Portuga.

Portugues: Ora, todo mundo te quer bem. Tua mae, mesmo o teu pai, tua
irma Glória, o rei Luís... Por acaso esqueceste o teu pé de laranja li-
ma? o tal de Minguinho...

Zezé: Agora é diferente, Portuga. Minguinho é uma simples laranjeirinha
que nem sequer sabe dar flor.. Mas voce nao. Voce é meu amigo e foi
por isso que eu vim aqui dizer adeus a voce.

Portugues: Adeus?

Zezé: Sério. Você vê, não presto para, estou cansado de apanhar. Vou
deixar de ser uma boca a mais... Hoje de noite eu vou me atirar debai-
xo do Mangaratiba, o trem...

Portugues: Nao diggs isso, por amor de Deus. Tens uma vida linda pela
frente. E eu? Tu nao me queres bem? Eu te quero muito , pirralho. Mui-
to mais do que tu pensas. Tudo isso vai passar. Logo serás dono das
ruas com teus papagaios, rei da bola de gude, um vaqueiro tao forte co-
mo Buck Jones... Pois é, quando estás comigo és uma seda e bonzinho.
Tua professora, tu disseste, nao acreditaria no que fazes fora das au-
las. Com teu irmaozinho e com Glória és bonzinho. Porque é que tu mu-
das assim?



Zezé: Isso eu não sei. Parece que o diabo fica soprando o fogo no meu ouvido. Senão eu não inventava tanta peraltice como diz o meu pito Edmundo. Sabe o que eu fiz com ele uma vez? Pois olhe que eu fiz bem seis meses. Ele recebeu uma rede do Norte e ficou todo preta. Não deixava nem a gente se balançar nela, como se a gente fosse tirar a vida dela. Pois um dia vi fio Edmundo roncando na rede armada entre a cerca e uma laranjeira. O jornal tinha caído no chão. O diabo então me falou uma coisa e eu juntei o jornal caído e risquei fogo bem embaixo da... Portuga, bunda eu posso falar?

Portugues: É meio palavrão. Seria melhor nádegas, ná-de-gas.

Zezé: Bem, quando começou a queimar embaixo das nádegas da bunda dele eu corri e fiquei escondido espiando. O velho deu um pulo e suspendeu a rede. A governanta veio correndo e ainda passou um pito nele. "Estou cansada de dizer que voce não deve deitar na rede fumando.- e vendo o jornal queimado ainda reclamou que não tinha lido aquele.

Portugues (rindo): Não te pegaram?

Zezé: Nem descobriram. Se me pegassem me cortavam o saco.

Portugues: Cortavam o quê?

Zezé: Bem, me capavam... Portuga, voce não me mentiu? Olhe que eu nunca escutei alguém falar que levou um pontapé nas nádegas.

Portugues (rindo): És um danadinho. Eu também nunca ouvi. Mas vá lá. Esquece as nádegas e usa traseiros.

Zezé: Portuga, eu estive pensando sériamente. Voce só tem uma filha que mora longe, não é?

Portugues: É.

Zezé: Voce mora sózinho, não é?

Portugues: É.

Zezé: E voce disse que gosta de mim, não é?

Portugues: É.

Zezé: Então porque voce não vai lá em casa e não pede para papai me dar para voce? Lá em casa todo mundo morre de alegria se eu for dado. Se não quiserem me dar, voce me compra. Papai está sem dinheiro, ele me vende até em prestações, do jeito que seu Jacob vende...

Portugues (emocionado): Tu gostarias de ser o meu filhinho?

Zezé: A gente não pode escolher o pai antes de nascer. Mas se eu pudesse eu escolhia voce. Posso até jurar. Eu prometo que eu não falo mais palavrões, nem bunda; eu engraxo os seus sapatos, fico bonzinho de todo.

Portugues: Não é isso, meu filho, não é isso. A vida a gente não resolve assim de uma só manobra. Mas eu te prometo, não poderei tirar-te dos teus pais, mas de agora em diante vou te tratar mesmo como se fosses o meu filho.

Zezé: Verdade, Portuga?

Portugues: Posso até jurar, como sempre dizes. Quer dizer que de agora em diante não se fala mais daquilo.

Zezé: Aquilo o quê?

Portugues: Do trem, o mangaratiba...

Zezé: Vou demorar mais um tempo para fazer isso...

Portugues: Ainda bem. (Luzes apagadas.)

Voz: Uma semente engravidava a tarde. Era o dia nascendo em vez da noite. Perdia amor seu hálito covarde, e a vida, corcel rubro, dava um coice, mas tão delicioso que a ferida no peito transtornado, aceso em festa, acordava, gravura enlouquecida. Sobre o tempo sem caule uma promessa.

Música: " Gô "

(Luzes acesas. Zezé fala com o seu pé de laranja lima.)



Zezé: Mas a verdade, Minguinho, é que depois que ele ficou com todo coruja. Tudo que eu faço ele acha bonito. Mas acha diferente. Não é como os outros falam: esse menino vai longe. mas a gente nunca sai de Bangu. Olhe, Minguinho, eu quero ter filhos e mais doze, entende? Os primeiros serão todos crianças e não vão apanhar, os outros doze vão ficando homens.

Voz: E no Natal, como é que voce vai fazer com tanta criança?

Zezé: No natal vou ter muito dinheiro. Comprarei um caminhão de nozes, castanhas e avelãs. Tanto brinquedo que eles até vão dar e emprestar aos vizinhos pobres...

Totoca (chegando): Voce acaba ficando maluquinho de tanto falar sózinho. Zezé, voce quer me emprestar quatrocentos réis?

Zezé: Não.

Totoca: Não quero brigar, mas voce é o irmão que eu mais gosto, e, de repente deu para ficar um monstro sem coração...

Zezé: Eu agora sou um troglodita sem coração.

Totoca: É o quê?

Zezé: Troglodita. Tio Edmundo me mostrou um retrato na revista. Tinha um macacão peludo com um porrete na mão, era gente do começo do mundo.

Totoca: Tio Edmundo não devia meter tanta minhoca na sua cabeça. Mas voce empresta? Se voce me emprestar eu conto duas coisas... (Zezé põe a mão no bolso.) Sabe, Zezé, a nossa miséria vai acabar, Papai arranjou um lugar de gerente na fábrica.

Zezé: E a outra?

Totoca: Preciso avisar voce, Zezé. A prefeitura vai alargar as ruas e ela vai derrubar tudo aqui, avançando nos quintais, inclusive o pé de laranja lima.

Zezé (com cara de choro): Voce está mentindo.

Totoca: Não precisa ficar com essa cara de choro. Ainda vai demorar.

Zezé: É mentira, não é Totoca?

Totoca: Não, é verdade. Mas voce é ou não é um homem?

Zezé: Voce vai ficar do meu lado, não é Totoca? Vou juntar muita gente para fazer guerra. Ninguém vai cortar o meu pé de laranja lima...

Totoca: Tá bem, nós não deixaremos. E agora, voce me empresta o dinheiro? (Zezé tira do bolso umas moedas e dá a Totoca.)

(Luzes apagadas.)

Zezé: É incrível o que eu vejo... isso que nasce, levantando-se do chão mostrando a face para a brisa lhe dar um beijo, e no ensejo acariciar lhe as folhas então.

Voz: É incrível o que eu vejo... Eu... eu cresci, levantando-me do chão dando o coração a ti, e no rosto um beijo, e no ensejo a esperança da vida eterna sem ilusão. (Ouve-se um apito de trem.)

(Luzes acesas. Um grupo de meninos fala perto de Zezé.)

Menino 1: Pegou o carro?

Menino 2: O carrão, aquele bonito do seu Manuel Valadares.

Zezé: Que foi que voce disse?

Menino 2: Disse isso: que o Mangaratiba pegou o carro do Portugues na passagem da rua. O trem esmigalhou o carro. Tem gente a beça. Chamaram até o corpo de bombeiros.

Menino 3: Ele morreu?

Menino 2: Parece. Não deixavam criança chegar perto.

(Os meninos vão embora deixando Zezé chorando sentado.)

Totoca (chegando): Que é que voce tem, Zezé? Fale comigo. Voce está ardendo em febre. O que foi Zezé? Venha comigo, vamos para casa.

Zezé: Deixe Totoca. Eu não vou mais... Eu não tenho mais nada lá. Tudo acabou.

Totoca: Jandira, Glória... Zezé está muito doente.



Jandira: Deve ser fita de novo. Umas boas chineladas...

Totoca: Não, Jandira. Desta vez ele está muito doente e vai...
(Apaga-se as luzes. Ouve-se um apito de trem.)

Voz 1: O filho de seu Paulo está morrendo.

Glória: Não chore, Zezé. Tudo isso vai passar. Se voce quer, eu dou minha mangueira todinha para voce.

Mamãe: Já tentamos de todas as maneiras. É um menino muito estranho, muito sensível e precoce.

Glória: Olhe, Zezé, daqui a pouco voce estará bom. Soltando papagaios, ganhando rios de bolinhas de gude, montando no Minguinho... Voce viu como a rua anda triste? Todo mundo sente falta de sua vida e da sua legria na rua... Mas voce tem que ajudar. Viver, viver e viver.

Zezé: Sabe, Glória, eu não quero mais. Se eu ficar bom, vou ser ruim de novo. Voce não entende. Eu não tenho mais para quem ficar bonzinho.

Totoca: Olhe, Zezé. A primeira flor de Minguinho. Logo ele vira uma ranjeira adulta e começa a dar laranjas.

(Acende-se as luzes. Alguns homens aparecem e cortam o meu pé de laranja lima.)

Zezé: Voce ouviu, Minguinho?

Voz: É um apito de trem ao longe. (Ouve-se um apito de trem mais forte aumentando de volume.)

Zezé: É ele, Minguinho. O Mangaratiba. O assassino. Ele quer matar voce, ele quer esmagar voce... Assassino... assassino...

(Apaga-se as luzes.)

Narrador: Nenhum desejo neste dia, nenhum problema nesta vida. O mundo parou de repente porque a vida tinha misteriosamente passado na noite. Na manhã infinita as nuvens surgiram, e o vento como o instinto desceu os braços das árvores que estrangularam a terra. Mas uma luz que ninguém sabe dizer de onde tinha vindo apareceu para clarear o mundo.

(Acende-se as luzes. Onde era o jardim e onde estava o pé de laranja lima encontra-se agora uma rua. Zezé está no meio da rua onde estão dois tumúlos - um todo florido e o outro em forma de carro.)

Zezé: Um dia desses saíra daí... e, com o coração em centelha, sairemos pelas ruas, pelos jardins. Não vou lhe contar meus problemas, por que voce já sabe bem antes de mim. Vamos conversar sobre outros temas que juntos nunca falamos: vamos falar sobre moda ou futebol, televisão sobre o tempo, se faz chuva ou sol. Vamos sair novamente, passear entre nossa gente, e, assim bateremos um longo papo. Voce vai cansar das minhas perguntas... A gente é amigo que não pode mais, não é? Quer en graxar? Voce vai falar, falar...

Voz (do Portugues): Quero que me expliques o que é exatamente antropó fago. Vamos conversar de homem para homem? Quem é esse Minguinho que eu nunca ouvi falar?

Zezé: O que eu não consigo é ver um amigo do peito, tão tristonho, so litário.

Narrador: De repente, do riso fez-se o pranto, silencioso e branco como a bruma; e das bocas unidas fez-se a espuma; e das mãos espalmadas fez-se o espanto. De repente, da calma fez-se o vento, que dos olhos desfez a ultima chama; e da paixão fez-se o pressentimento; e do momento imóvel fez-se o drama. De repente, não mais que de repente, fez-se de triste o que se fez amante, e de sózinho o que se fez contente. Fez-se do amigo próximo o distante, fez-se da vida uma aventura errante. De repente, não mais que de repente... (O Pai de Zezé entra.)

Pai: Tudo passou, meu filho, tudo. Voce um dia vai ser pai e vai também descobrir como são difíceis certos momentos na vida de um homem. Não chore, meu filho. Nós vamos ter uma casa muito grande. Grandes árvores que serão só suas.. O primeiro a escolher as árvores será voce.

Voz: Ele era uma velha árvore de raízes escuras. Era um pai árvore. Mas uma árvore que eu quase não conhecia.

Zezé: Não adianta, papai, não adianta... Já cortaram... faz mais de uma semana que cortaram o meu pé de laranja lima.

Música: " GÔ "

(Todas as luzes se apagam. Só fica acesa a luz que ilumina uma janela de onde uma mulher fala a um homem na rua.)

Mulher: E agora, José? A festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou, e agora José? E agora voce, voce que é sem nome, que zomba dos outros, voce que faz versos, que ama, protesta? E agora José? Esta sem mulher, está sem discurso, está sem carinho; já não pode beber, já não pode fumar, cuspir já não pode. A noite esfriou, o dia não veio, não veio a utopia, e tudo acabou, e tudo fugiu, e tudo mudou e agora José? Sua doce palavra, seu instante de febre, sua gula e jejum, sua biblioteca, sua lavra de ouro, seu terno de vidro, sua incoerência, seu ódio, e agora? Com a chave na mão quer abrir a porta; quer morrer no mar, mas o mar secou; quer ir para Minas, Minas não há mais, José, e agora? Se voce gritasse, se voce gemesse, se voce tocasse, a valsa vienense, se voce dormisse, se voce cansasse, se voce morresse...mas voce não morre, voce é duro José. Sózinho no escuro, qual bicho do mato, sente agonia, sem parede nua para se encostar, sem cavalo preto que fuja a galope, voce marcha José, José para onde?

Narrador: Siga tranquilamente entre a inquietude e a pressa, lembrando-se que há sempre paz no silencio. Tanto quanto possível, sem humilhar-se, viva em harmonia com todos que o cercam. Fale a sua verdade mansa e calmamente, e ouça a dos outros, mesmo a dos insensatos e ignorantes, porque eles também têm a sua história. Evite as pessoas agressivas e transtornadas, elas afligem o nosso espírito. Se voce se comparar com os outros, voce se tornara presunçoso e maguado, pois haverá sempre alguém inferior e superior a voce. Viva intensamente o que já pode realizar. Mantenha-se interessado em seu trabalho ainda que humilde, ele é o que de mais real existe ao longo de todo o tempo. Seja talentoso nos negócios, porque o mundo está cheio de astúcias, mas não caia na descrença, a virtude existirá sempre. Por muita gente luta por altos ideais, e em toda parte a vida está cheia de heroísmo. Seja voce mesmo. Principalmente não simule afeições, nem seja descrente do amor, porque mesmo diante de tanta aridez e desencanto, ele é tão perante quanto a alma. Aceite com carinho os conselhos dos mais velhos, mas também seja compreensivo aos impulsos inovadores da juventude. Alimente a força do espírito, e ela o protegerá dos infortúnios inesperados; mas não se desespere com um perigo imaginário, muitos temores nascem do cansaço e da solidão. E a despeito de uma disciplina rigorosa, seja gentil para consigo mesmo. Portanto esteja em paz com Deus como quer que voce o conceba. E quaisquer que sejam seus trabalhos e aspirações na fatigante jornada pela vida, mantenha-se em paz com a sua própria alma. Acima da falsidade, dos desencantos e agruras, o mundo ainda é bonito. Seja prudente, faça força para ser feliz. (Zezé levanta-se.)

Voz (homem): O espírito fez o embrião, o embrião fez-se feto, o feto fez-se menino, o menino fez-se filho, o filho fez-se evangelho, o evangelho fez-se caminho, o caminho fez-se verdade, a verdade fez-se vida, a vida é Deus, e Deus fez-se homem para que o homem fosse a Deus.

Voz (homem): Então acontece uma maravilha. O pensamento cresce e toma conta de toda a nossa cabeça e coração. Vive em nossos olhos e em tudo que é pedaço da vida da gente.

Zezé: Adeus meu passarinho.

Voz: O passarinho foi feito por Deus para ajudar as crianças a descobrirem as coisas. Depois, quando o menino não precisa mais, ele devolve o passarinho a Deus e Deus o coloca em outro menino como voce. Veja, ele pousou no dedo da nuvem... (Todos juntos no palco.)

Música: "Vamos dar as mãos"
FIM DO IIº ATO E DA PEÇA

